

# ARTIGOS

---



# A FÁBRICA DO EVENTO: AS METAMORFOSES DE UMA SENTENÇA DIVINATÓRIA NA MESOPOTÂMIA<sup>1</sup>

## Contato

Maison Archéologie & Ethnologie, René-Ginouvès  
ArScAn - HAROC - UMR 7041  
21 allée de l'Université  
92023 Cedex - Nanterre - França  
E-mail: [jglassner@wanadoo.fr](mailto:jglassner@wanadoo.fr)

Jean-Jacques Glassner

Centre National de la Recherche Scientifique

## Resumo

Esse artigo discute especificamente o feito guerreiro de Narâm-Sîn e a consulta divinatória associada a ele que formou uma longa tradição memorialística na Mesopotâmia entre os séculos XVIII a. C. e III a. C. Este longo processo conservou e propagou a memória do feito, revelando uma série de metamorfoses nas sentenças e suas interpretações. Adivinhos e escribas tiveram papel central nesta dinâmica de formação da memória e legitimação do fato. Neste quadro de formulação historiográfica, composto por documentação rarefeita, observa-se como os mesopotâmios passaram a admitir que o passado poderia servir como um reservatório de experiências para conhecer melhor o presente.

## Palavras-chave

Mesopotâmia – sentença divinatória – Narâm-Sîn – memória – historiografia.

---

<sup>1</sup> Tradução: Marcelo Rede (Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo).

# CREATING THE EVENT: THE METAMORPHOSES OF AN ORACULAR CONSULTATION IN MESOPOTAMIA

Contact  
Maison Archéologie & Ethnologie, René-Ginouvès  
ArScAn - HAROC - UMR 7041  
21 allée de l'Université  
92023 Cedex - Nanterre - França  
E-mail: [jglassner@wanadoo.fr](mailto:jglassner@wanadoo.fr)

Jean-Jacques Glassner  
Centre National de la Recherche Scientifique

## Abstract

This article focuses on Narâm-Sîn's military achievement and the oracular consultation connected with it, which formed a long commemorative tradition in Mesopotamia between the eighteenth and third centuries BC. This lengthy process preserved and disseminated the memory of the king's achievement, revealing a series of transformations in the oracle questions and their interpretation. Diviners and scribes played a key role in these dynamics of memory construction and legitimization of the facts. By examining the development of this historiography through the few sources available, one can see how the Mesopotamians came to acknowledge the past as a supply of experiences that afforded a better understanding of the present.

## Keywords

Mesopotamia - oracular consultation - Narâm-Sîn - memory - historiography.

Apishal é um topônimo bem conhecido nas fontes mesopotâmicas. Existem na realidade duas cidades homônimas: uma foi tomada de assalto por Narâm-Sîn de Akkad, a outra – mas, talvez, fosse a mesma – emprestou seu nome a uma doença que gera invalidez.<sup>2</sup> Interessa-nos, aqui, o feito guerreiro de Narâm-Sîn, a consulta divinatória que lhe é associada e a forma como a tradição dela se apropriou para lhe conservar e propagar a memória. A história é uma atividade intelectual. Buscando no oceano dos eventos, recortando no tecido da história, os letrados operam seleções, manipulam fatos, constroem narrativas.

A partir do momento em que as fontes o permitem, pode-se observá-los tentando pôr em ordem as ideias e as experiências e essa ordem toma a forma de taxonomias. Em poucas palavras, os conhecimentos cumulativos que cresceram e se estruturaram à medida que atravessavam os séculos empurraram os escribas para longe da espuma dos eventos e os fizeram renunciar a permanecer na superfície das coisas, na satisfação banal da coleta do que se havia dito ou feito. A civilização mesopotâmica inventou para si uma profundidade em que se punha a questão do estabelecimento de séries nas quais se revelavam semelhanças, recorrências de marcas distintivas, cada qual com a multiplicidade e a variedade de seus percursos.

O interesse que esses mesmos letrados manifestaram por seu passado, entretanto, não diz respeito a um procedimento historiográfico como nós o entendemos em nossos dias. Ficamos surpresos pelo notável esforço que fizeram copiando textos oficiais, estudando a correspondência régia dos tempos idos, constituindo listas cronológicas, crônicas ou coleções de presságios. No entanto, o problema não era o da crítica das fontes e a questão não era saber como e em que encadeamento os eventos considerados haviam se desenrolado. O que importava era selecionar, em torno de um centro de interesse determinado, na massa dos dados oferecidos pelo passado e coletados com cuidado, certos fatos, certos nomes que, por essa via, adquiririam uma pertinência e um significado universais. Esses eventos e esses nomes eram escolhidos por seu valor de exemplo.

A Mesopotâmia não teve seu Plutarco com sua *Vidas paralelas*. Mesmo assim, letrados anônimos apropriaram-se de algumas grandes figuras do passado, fossem elas lendárias ou históricas, das quais eles narraram os feitos

---

<sup>2</sup> LEICHTY, E. Apishalû. In: GÜTERBOCK, H. G. e JACOBSEN, Th. (eds.). Studies in honor of Benno Landsberger on his seventy-fifth birthday, April 21, 1965. AS 16. Chicago: University of Chicago Press, 1965, p. 327.

sob a forma de autobiografias, de epopeias ou de lendas, a fim de elevá-los ao patamar de exemplos e oferecê-los à meditação de seus contemporâneos.

Fornecedora de exemplos, a história era, segundo as palavras de Cícero,<sup>5</sup> “testemunha dos séculos, luz da verdade, via da memória, mestra da vida, mensageira do passado”. Durante dezoito séculos, apenas uma parte dessa fórmula será retida, *historia magistra vitae*. Antes dele, Políbio e Salústio já haviam insistido sobre o efeito de emulação que a exibição dos retratos dos ancestrais podia provocar.

De modo semelhante, os mesopotâmios admitiram que o passado poderia servir como um reservatório de experiências para conhecer melhor o presente. O historiador interessou-se, então, pela vida dos homens notáveis ou pelos eventos que julgava edificantes. Benedetto Croce lembrou, com razão, que “somente uma preocupação da vida presente pode nos levar a fazer pesquisas sobre um fato passado. Assim, esse fato, unido a um interesse da vida presente, não corresponde mais a uma curiosidade pelo passado, mas sim a uma preocupação presente”.

## I. O dossiê documental

### A. As fontes divinatórias

Formam um total de dezesseis e repartem-se pelas três épocas características do desenvolvimento da adivinhação: a época da ausência de tratados (anterior ao século XVIII a. C.), a de sua composição (séculos XVIII – XIV a. C.) e a de sua canonização (séculos XIV – III a. C.).

### I. Primeiro período

#### 1. Modelo de fígado em argila de Mari nº 3:<sup>4</sup>

<sup>5</sup> CÍCERO. *De oratore* 2, 36.

<sup>4</sup> RUTTEN, M. Trente-deux modèles de foies en argile inscrits provenant de Tell-Hariri (Mari). *RA* 35, nº 3, 1938, p. 42; NOUGAYROL, J. Note sur la place des “présages historiques” dans l’extispicine babylonienne. *Annuaire EPHE V*, nº 90, 1944–1945, p. 25; GLASSNER, J.-J. Narâm-Sîn poliorcète. Les avatars d’une sentence divinatoire. *RA* 77, 1983, p. 4; MEYER, J.-W. Untersuchungen zu den Tonlebermodellen aus dem Alten Orient. *AOAT*, 39. Neukirchen: Neukirchener Verlag, 1987, p. 192; COLONNA D’ISTRIA, L. *Évolution des traditions culturelles dans la vallée du Moyen Euphrate de la fin du Bronze Ancien au début du Bronze Moyen*. Tese inédita, Université Lyon II, 2009.

Fim da época dos “*shakkanakku*” (finais do século XIX).

“Presságio de Narâm-Sîn que tomou Apishal”.

Na prótase, Jean Nougayrol viu um caminho que se subdivide em dois; já Jan-Waalke Meyer identificou dois caminhos que convergem.

## II. Segundo período

2. YOS 10, 11 iii 31-40:<sup>5</sup>

Se há dois dedos, um filamento conecta suas partes superiores e a arma da direita adere à bile, ela mesma estando perfurada de lado a lado – presságio do apishaliano que Narâm-Sîn fez morrer em uma trincheira.

3. YOS 10, 22: 4:<sup>6</sup>

Se há duas portas do palácio, três “rins”, a bile envolve o lado esquerdo do dedo – presságio do apishaliano que Narâm-Sîn fez prisioneiro.

4. YOS 10, 24: 9:<sup>7</sup>

Paleobabilônico; mesma fonte que o documento 19, mas outra apresentação.

Se há duas portas do palácio, três “rins” e duas perfurações feitas de lado a lado à direita da bile – presságio do apishaliano que Narâm-Sîn fez prisioneiro por meio de uma trincheira.

5. YOS 10, 26 ii 37-38:<sup>8</sup>

<sup>5</sup> GOETZE, A. Old Babylonian Omen texts. YOS 10, n° 11. New Haven: Yale University Press, 1947. GLASSNER, J.-J. RA 77, 1983, p. 4.

<sup>6</sup> GOETZE, A. YOS 10, n° 22; GOETZE, A. Historical allusions in old Babylonian Omen texts. JCS 1 (16), 1947, p. 257; GLASSNER, J.-J. RA 77, 1983, p. 5; GLASSNER, J.-J. Écrire des livres à l'époque paléo-babylonienne: le traité d'extispicine. ZA 99, 2009, p. 61-62.

<sup>7</sup> GOETZE, A. YOS 10, n° 24; GOETZE, A. JCS 1 (17), 1947, p. 257; GLASSNER, J.-J. RA 77, 1983, p. 5; GLASSNER, J.-J. ZA 99, 2009, p. 63-67.

<sup>8</sup> GOETZE, A. YOS 10, n° 26; GOETZE, A. JCS 1 (43), 1947, p. 263; GLASSNER, J.-J. RA 77, 1983, p. 8; GLASSNER, J.-J. ZA 99, 2009, p. 67-76.

Se a porta do palácio tem uma perfuração orientada para o alto – presságio de TE-Enlil que fez prisioneiro [o apishaliano] e massacrou suas tropas em uma trincheira.

6. YOS 10, 56 ii 6-7:<sup>9</sup>

Se o rebento malformado, sua! cabeça é rajada<sup>10</sup> – presságio do apishaliano que Narâm-Sîn capturou.

7. OBE 14 reverso 27':<sup>11</sup>

Se o diafragma aponta para trás e ... conecta ... – palavra de Narâm-Sîn que fez prisioneiro o apishaliano em uma trincheira.

### III. Terceiro período

8-10. BE 36404: 18 (época cassita); BM 54635: 17' (neobabilônico); BRM 4, 13: 18 (Uruk, época selêucida):<sup>12</sup>

Se as circunvoluções do intestino grosso são como uma tripa – presságio de Narâm-Sîn que fez ceder Apishal por meio de uma trincheira.

11-12. KAR 453 verso 9'-10' (Assur, médio-assírio, biblioteca de Tiglat-phalasar I); Rm 89 (Nínive, neoassírio):<sup>15</sup>

<sup>9</sup> GOETZE, A. YOS 10, n° 56; GOETZE, A. JCS 1 (15), 1947, p. 257; LEICHTY, E. The Omen series Shumma Izbu. TCS 4. Nova York: J. J. Augustin, 1970, p. 201-207; GLASSNER, J.-J. RA 77, 1983, p. 5.

<sup>10</sup> Agradeço vivamente a E. Frahm pela colação dessa passagem.

<sup>11</sup> JEYES, U. *Old Babylonian extispicy. Omen texts in the British Museum*. Leyde: Nederlands Instituut voor het Nabije Oosten, 1989, n° 14.

<sup>12</sup> CLAY, A. T. Epics, hymns, Omens and other texts. BRM 4, n° 13. New Haven: Yale University Press, 1923; WEIDNER, E. Historisches material in der Babylonischen Omina-literatur. MAOG 4, 1928-1929, p. 232; NOUGAYROL, J. *Annuaire EPHE*, n° 5, 1944-1945, p. 6; WEIDNER, E. Keilschrifttexte aus Babylon. AfO 16, 1952-1953, p. 74-75; BM 54635, inédito.

<sup>15</sup> THOMPSON, R. C. *Cuneiform texts (...) in the British Museum* 20. Londres: British Museum, 1904, 18 (verso perdido); EBELING, E. Keilschrifttexte aus Assur religiösen Inhalts, II. WVDOG 34, n° 453, Leipzig, 1920-1923. NOUGAYROL, J. *Annuaire EPHE*, n° 76b, 1944-1945, p. 20-21; WEIDNER, E. Die Bibliothek Tiglatpilesers I. AfO 16, 1951-1952, p. 200; HEESSEL, N. P. Divinatorische texte II, Opferschau-Omina, Keilschrifttexte aus Assur literarischen Inhalts 5. WVDOG 139, n° 36, Wiesbaden, 2012.



Se há dois dedos ... a arma da direita da bile está traçada, à esquerda da bile encontra-se um furo e é claro [?] – presságio de Narâm-Sîn que conquistou Apishal por meio de uma trincheira.

13-14. K 2130 reverso 10-14 (Nínive, neoassírio); BM 67404 reverso i 8-10, ii 8-11 (Borsippa, época babilônica tardia, após Xerxes):<sup>14</sup>

Se o fígado tem dois dedos, uma arma presente à direita da bile aponta para a esquerda, diante dela há sete fissuras, existe um furo à esquerda da bile – presságio de Narâm-Sîn que, sob esse signo, marchou sobre Apishal, avançou uma trincheira e capturou Rish-Adad, o rei de Apishal, e o ministro de Apishal.

BM 67404:

Se o fígado tem dois dedos, uma arma presente à direita da bile aponta para a esquerda, diante dela há sete fissuras, furos estão dispostos à esquerda da bile – presságio de Narâm-Sîn que, sob esse signo, marchou sobre Apishal, avançou uma trincheira e capturou Rish-Adad, o rei de Apishal, e o ministro de Apishal.

15. BM 41548+: 13' (Babilônia, época babilônica tardia; copiado a partir de um original de Borsippa):<sup>15</sup>

Se o rebento malformado é rajado como um tigre – presságio do apishaliano que Narâm-Sîn fez prisioneiro.

16. TCL 6, 1: 68 = reverso 3 (Uruk, época selêucida); K 3868 reverso 3 (Nínive, neoassírio):<sup>16</sup>

<sup>14</sup> KING, L. W. *Chronicles concerning early Babylonian kings, including records of the early history of the Kassites and the country of the sea*, 2 vol. Londres: Luzac e Co, 1907, t. 2, p. 129-141; NOUGAYROL, J. *Annuaire EPHE*, n° 76<sup>a</sup>, 1944-1945, p. 20; STARR, I. The place of the historical Omens in the system of apodoses. *Bi.Or.* 43, 1986, p. 633-639; KOCH, U. S. *Secrets of extispicy. The chapter Multâbiltu of the Babylonian extispicy series and Ni,irti barûti texts mainly from Assurbanipal's Library. AOAT 326.* Münster: Ugarit-Verlag, 2005, p. 226-32, *multâbiltu* 14 ou 15. Informações comunicadas por C. Waerzeggers.

<sup>15</sup> LEICHTY, E. *TCS* 4, p. 201-202; CLANCIER, Ph. *Les bibliothèques en Babylonie dans la deuxième moitié du I<sup>er</sup> millénaire av. J.-C.* AOAT 365. Münster: Ugarit-Verlag, 2009, *passim*; ZORZI, N. de. *Divinazione e intertestualità. La serie divinatoria Shumma izbu e il suo orizzonte culturale.* Universidade de Veneza, 2011, texto inédito, p. 619: 13'.

<sup>16</sup> K 3868, inédito. THUREAU-DANGIN, F. *Tablettes d'Uruk à l'usage des prêtres du Temple d'Anu au temps des Séleucides.* TCL 6, n° 1. Paris: Geuthner, 1922; NOUGAUROL, J. *Annuaire EPHE*, n° 55, 1944-1945, p. 15.

Se o fígado está repleto de pontas – presságio de Apishal. Variante: desolação para o país.

## **B. A epopeia de Narâm-Sîn<sup>17</sup>**

Um tablete muito fragmentado de época paleobabilônica (século XVIII a. C.) apresenta um texto épico originalmente distribuído em oito colunas. No texto que sobreviveu, Narâm-Sîn avança em meio aos deuses a caminho para Apishal. Procede-se à troca de mensagens entre os dois adversários, os presságios são consultados, Narâm-Sîn conferencia com seu ministro. O rei de Apishal parece beneficiar-se do apoio de Enlil. O texto é por demais fragmentado para ser plenamente inteligível.

## **C. Crônica babilônica<sup>18</sup>**

Uma crônica neobabilônica (linhas 24-26) proveniente de Borsippa e relativa à história dos reis antigos evoca o evento nos mesmos termos que os presságios conhecidos pelas fontes de Nínive e de Borsippa e reunidos no capítulo 14 ou 15 de *multâbiltu*:<sup>19</sup>

Narâm-Sîn, filho de Sargão, marchou sobre Apishal, escavou uma trincheira e capturou Rîsh-Adad, o rei de Apishal, e o ministro de Apishal.

## **D. Alusão a Apishal em um curto relato paleobabilônico conservado no Museu de Genebra, narrando a grande revolta contra Narâm-Sîn.<sup>20</sup>**

<sup>17</sup> GÜTERBOCK, H. G. Keilschrifttexte nach Kopien von T. G. Pinches. *Afo* 13, 1939-1940, p. 46-49, pl. I e II; GOODNICK-WESTENHOLZ, J. *Legends of the kings of Akkade*. Winona Lake: Eisenbrauns, 1997, p. 173-187; FOSTER, B. R. *Before the muses, An anthology of Akkadian literature*. 3ª edição. Bethesda: CDL Press, 2005, p. 115-117.

<sup>18</sup> KING, L. W. *Chronicles*, 2, p. 113-127; GRAYSON, A. K. Assyrian and Babylonian chronicles. *TCS* 5, n° 20A. Nova York: J. J. Augustin, 1975; GLASSNER, J.-J. Mesopotamian chronicles. *WAW* 19, n° 39. Atlanta: SBL, 2004; WAERZEGGERS, C. The Babylonian chronicles: Classification and provenance. *JNES* 71, 2012, p. 285-298.

<sup>19</sup> Nota do tradutor: série de presságios feitos a partir da leitura das entranhas dos animais sacrificados, compilada em tabletas encontrados na biblioteca de Assurbanipal (cf. o trabalho de U. S. Koch, citado na nota 14).

<sup>20</sup> GRAYSON, A. K. e SOLBERGER, E. L'insurrection générale contre Narâm-Suen. *RA* 70, 1976, p. 103-128; GOODNICK-WESTENHOLZ, J. *Legends*, n° 16B: 51, p. 244.

Neste texto, Rîsh-Adad, rei de Apishal, figura entre as forças coligadas que se levantam contra Narâm-Sîn. Seu nome é mencionado entre os dos reis de Nawar e de Mari, duas cidades da Síria do norte. As primeiras linhas do texto reproduzem os cabeçalhos de inscrições originais evocando a grande revolta, algumas das quais eram conhecidas na época paleobabilônica a partir de cópias efetuadas em Nippur.<sup>21</sup> Nem por isso o autor deixa de conservar sua liberdade de inspiração. Tendo vencido seus rivais, Narâm-Sîn retoma a política agressiva e predadora de seus predecessores, volta-se contra os reinos sírios como Ebla e Mari, realiza incursões no Irã e derrota a frota de Magan durante uma batalha naval. A tradição, visando ampliar as hostes rebeldes e aumentar a glória do monarca, tem tendência a misturar os dois tipos de eventos.

## II. Os atores e os lugares

Logo que subiu ao trono de seus antepassados, Narâm-Sîn de Akkad teve de afrontar a revolta generalizada de todos os seus estados. Tal é a versão destilada pelas declarações oficiais. A realidade foi mais complexa e o confronto teve uma dimensão bem mais importante. Face a Narâm-Sîn, que havia se refugiado em sua capital, três personagens – Iphur-Kish, Lugal-ané et Amar-girid – foram elevados à dignidade régia pelo voto das populações de suas respectivas cidades, Kish, Ur e Uruk, cidades carregadas de história e sedes de monarquias da grande Antiguidade.<sup>22</sup> A figura de Iphur-Kish em particular, elevado à dignidade régia pela assembleia das tropas em armas e cujo nome significa “Ele reuniu Kish” ou, através de um desses jogos gráficos caros aos antigos mesopotâmios, “Ele reuniu a totalidade [dos espaços socializados]”, contrastava com Narâm-Sîn, filho e neto de reis, que encarnava, diante de uma forma de monarquia eletiva, um modo de poder hereditário. Houve, então, na época de Akkad, um afrontamento entre duas formas de legitimidade. O embate dos exércitos decidiu a favor de uma delas.<sup>23</sup>

Conhecemos duas cidades com o nome de Apishal: uma situada não muito longe de Umma, na Suméria; a outra, no Eufrates, na Síria do norte, próxima de Carquemish. A primeira é bem documentada pelas fontes do

<sup>21</sup> FRAYNE, D. R. Sargonid and Gutian periods (2334–2113). *Rime* 2. Toronto: University of Toronto Press, 1993, E2.1.4.6; E2.1.4.8; E2.1.4.10.

<sup>22</sup> FRAYNE, D. R. *Rime* 2, E2.1.4.10.

<sup>23</sup> Sobre essa questão, ver GLASSNER, J.-J. Entre le discours politique et la science divinatoire, le récit historiographique en Mésopotamie. In: GRIMAL, N. e BAUD, M. (eds.). *Événement, récit, histoire officielle. L'écriture de l'histoire dans les monarchies antiques*. Paris: Cybèle, 2003, p. 63–86.

III milênio;<sup>24</sup> a segunda o é sobretudo pelas fontes do início do II milênio.<sup>25</sup> No final do século XIX a.C., o rei de Apishal tratava de igual para igual o rei de Mari. A menção do topônimo entre aqueles de Nawar e de Mari no documento paleobabilônico que evoca a grande revolta leva a situar a cidade na Síria do norte. No mais, as inscrições mostram que, na Mesopotâmia, na época de Akkad, não era comum, para se tomar uma cidade, realizar um cerco.<sup>26</sup> No momento decisivo de sua guerra contra Narâm-Sîn, Iphur-Kish não se refugiou na cidade de Kish, ao abrigo de sua muralha (tratava-se, então, de um simples muro), mas realizou seu último combate em campo aberto, não muito longe das portas da cidade.<sup>27</sup> Por outro lado, na Síria e na Palestina, onde as cidades eram dotadas de sistemas defensivos de tal modo que pareciam cidadelas quase inexpugnáveis, os reis se sentiam ao abrigo dessas poderosas muralhas. A epopeia de Narâm-Sîn não diz outra coisa quando compara os adversários do monarca, inclusive o rei de Apishal, a “raposas”, *shêlebû*, que, em face de seu grito de guerra, “se escondem em suas tocas”, *li-ru-bu a-na hu-ur-ri-shu!-[nu]*.<sup>28</sup> São algumas dessas cidades que Narâm-Sîn tomou de assalto.

Uma inscrição põe em cena esse talento do monarca acadiano. Ela nos é conhecida através de uma cópia paleobabilônica que trata da conquista de Armânium, uma cidade da Síria do norte, talvez a Armi dos arquivos de

<sup>24</sup> EDZADR, D. O., FARBER, G. e SOLLBERGER, E. Die Orts- und Gewässernamen der prä-sargonischen und sargonischen Zeit. *RGTC 1*. Wiesbaden: Ludwig Reichert, 1977, p. 16; EDZADR, D. O. e FARBER, G. Die Orts- und Gewässernamen der 3. Dynastie von Ur. *RGTC 2*. Wiesbaden: Ludwig Reichert, 1974, p. 13-15.

<sup>25</sup> Sobre Apishal da Síria: OWEN, D. e VEENKER, R. Megum, The first Ur III ensi of Ebla. In: CAGNI, L. (ed.). *Ebla, 1975-1985*. Napels: Istituto Universitario Orientale, 1987, p. 263-292; TONIETTI, M. V. Le cas de Mekum: continuité ou innovation dans la tradition éblaïte entre le IIIe et le IIe millénaires? *Mari 8*, 1997, p. 225-242; CHARPIN, D. e ZIEGLER, N. Mekum, roi d'Apishal. *Mari 8*, 1997, p. 243-247; KÜHNE, G. Meki, Megum und Mekum/Mekim. *IOS 18*, 1998, p. 311-322. Para um apanhado sobre a cidade perto de Umma: FOSTER, B. R. Narâm-Sîn in Martu and Magan. *Arrim 8*, 1990, p. 36, mas o autor baseia-se em uma leitura errada do sinal UNU (ver *infra* nota 19); CHAMBON, G. Apishal, un royaume du nord-ouest. In: CANCIK-KIRSCHBAUM, E. e ZIEGLER, N. (eds.). *Untersuchungen zur historischen Geographie Obermesopotamiens im 2. Jahrtausend v. Chr. BBVO 20*. Berlin: PeWe Verlag, 2009, p. 233-238.

<sup>26</sup> ABRAHAMI, Ph. L'armée d'Akkad, In: ABRAHAMI, Ph. e BATTINI, L. (eds.). *Les Armées du Proche-Orient ancien (III<sup>e</sup>-I<sup>er</sup> mill. av. J.-C.)*. Oxford: BAR, 2008, p. 14-15; REY, S. *La Poliorcétique au Proche-Orient à l'âge du bronze. Fortifications urbaines, procédés de siège et systèmes défensifs*. Beirute: IFPO, 2012, *passim*.

<sup>27</sup> FRAYBE, D. R. *Rime 2*, E2.1.4.6: iii 13'-25'.

<sup>28</sup> GOODNICK-WESTENHOLZ, J. *Legends of the kings of Akkade*. Winona Lake: Eisenbrauns, 1997, p. 184: 18-19; FOSTER, B. *Before the muses*. Bethesda: CDL Press, 2005, p. 116.

Ebla e, provavelmente, o moderno sítio de Tell Bazi.<sup>29</sup> Um plano da cidade parece ter sido traçado no tablete, na sequência da inscrição, com cifras que sublinham a importância das linhas de defesa; apenas essas últimas indicações foram reproduzidas pelo copista.<sup>30</sup> Narâm-Sîn diz ter capturado seu rei, Rîd-Adad, *qab<sub>x</sub>* (escrito DA)-*li na-ra-ab-ti-shu*, “no meio de sua entrada”.<sup>31</sup> Teria o ataque sido feito contra essa área, talvez situada na “muralha do porto”, BÀD *kà-rî-im*, o ponto fraco do sistema defensivo formado por três muros concêntricos?<sup>32</sup> É mais provável, porém, que *narabtum* indique a entrada da cidadela, como já sugeriu Adelheid Otto, onde se encontrou grande quantidade de pontas de flecha e de pedras de funda no nível que precede imediatamente a ocupação acadiana.

Para salientar ainda mais o caráter excepcional do feito, Narâm-Sîn lembra, no *incipit* da inscrição, que nenhum rei antes dele havia realizado tal proeza “desde a criação da humanidade”, *îsh-tum da-ar shi-ki-ti ni-shi<sub>11</sub>*.<sup>33</sup> É a memorização de tais feitos extraordinários que lhe fez ser cantado pela tradição por suas qualidades poliorcéticas. Procurou-se ver na inscrição comemorativa da tomada de Armânium, particularmente na expressão *KI-shu e-ni* que foi traduzida por “ele destruiu seu território”, uma alusão a uma trincheira, mas essa hipótese não pode ser apoiada, pois a expressão indica, na verdade, uma ação posterior à conquista: “ele remodelou seu território”.<sup>34</sup>

<sup>29</sup> OTTO, A. Archaeological perspectives on the localization of Narâm-Sîn's Armanum. *JCS* 58, 2006, p. 1-21

<sup>30</sup> iv 20 - vi 17.

<sup>31</sup> FRAYNE, D. R. *Rime* 2, E2.1.4.26: iii 8-10; o valor *qab<sub>x</sub>* do sinal DA é bem conhecido no antigo acadiano; a leitura tá-li, “(perto da) travessia da grande porta” (*CAD*N/2, p. 174b) não é admissível (comparar, com efeito, FRAYNE, D. R. *Rime* 2.1.2.7: 17-18, in ÍD *qab<sub>x</sub>-lî-tim*, “no ribeirão do meio”).

<sup>32</sup> Várias leituras diferentes foram propostas para esses dados topográficos: KRAUS, F. R. Ein altakkadisches Festungsbild. *Iraq* 10, 1948, p. 81-92; FOSTER, B. R. The Siege of Armanum. *Janes*, 14, 1982, p. 27-36; OTTO, A. *JCS*, 58, p. 1-21; ABRAHAMI, Ph. *BAR*, p. 1-22; REY, S. *Poliorcétique*, p. 171-174. Entretanto *narabtum* não é o termo habitual para designar a grande porta de uma cidade. Ver, igualmente, OTTO, A. e BIGA, M.-G. Thoughts about the identification of Tall Bazi with Armî of the Ebla texts. In: MATTHIAE, P. et al. (eds.). 6TH INTERNATIONAL CONGRESS ON THE ARCHAEOLOGY OF THE ANCIENT NEAR EAST. *Proceedings*. Wiesbaden, 2010, p. 481-494.

<sup>33</sup> i 1-4.

<sup>34</sup> FOSTER, B. *Janes* 14, p. 32 e p. 34 sub v 16, hipótese retomada por FRAYNE, D. R. *Rime* 2, E2.1.4.26, p. 135. Essa tradução era inspirada em uma passagem de um grande hino a Shamash (LAMBERI, W. G. *Babylonian wisdom literature*. Oxford: Clarendon Press, 1960, p. 130: 96), tal como foi entendido por W. G. Lambert; na realidade, segundo SEUX, M.-J. *Hymnes et prières de Babylonie et d'Assyrie*. Paris: Cerf, 1976, p. 57: 96, trata-se de transferência de um imóvel. Sobre essa questão: KIENAST, B. e SOMMERFELD, W. Glossar zu den altakkadischen Königsinschriften, *Faos* 8. Stuttgart: Franz Steiner, 1994, p. 201, s.v. *enûm*; ABRAHAMI, Ph. *BAR*, p. 15, note 153.

O nome do rei de Apishal, Rîsh-Adad, é raramente mencionado. Ele figura no documento paleobabilônico Genebra entre os reis rebeldes aliados à causa de Iphur-Kish. Muito mais tarde, ele é encontrado em uma crônica neobabilônica ou em presságios neoassírios e babilônicos tardios. Dado que o texto de Genebra reproduz em seu *incipit* certas fórmulas próprias às inscrições paleoacadianas relativas à revolta, atribui-se a ele certa familiaridade com aquele tipo de fonte.<sup>55</sup> Não se trata, porém, de um cerco a Apishal. O nome do rei é por vezes relacionado ao de Rîd-Adad de Armânium,<sup>56</sup> mas sem nenhum outro motivo que sua semelhança.

No estado atual das fontes, nenhum documento paleoacadiano menciona a tomada de Apishal por Narâm-Sîn. A tentativa de ler o topônimo Apishal em um grafema enigmático na inscrição de Narâm-Sîn<sup>57</sup> deve ser abandonada; as colações do tablete demonstraram que o sinal em causa não era outro senão UNU, o nome da cidade de Uruk.<sup>58</sup>

### III. Crítica das fontes

Por vezes, quis-se ver nos presságios históricos em geral e nos modelos de fígado de Mari em particular os testemunhos dos inícios empíricos da ciência divinatória, pois eram pensados como relatando consultas que efetivamente existiram.<sup>59</sup>

É bem sabido que, antes de empreender ações políticas ou operações militares, os soberanos mesopotâmicos consultavam os adivinhos. Segundo a hipótese proposta, em caso de sucesso, ter-se-iam arquivado essas consultas sob a forma de modelos que reproduzissem identicamente, de um lado, o

<sup>55</sup> Além da titulação régia, pensamos na expressão: *i-nu ki-ib-ra-tum ar-ba-um ish-ti-ni-ish i-KIR-ni-shu*, “Quando as quatro regiões juntas lhe foram hostis” (FRAYNE, D. R. *Rime* 2, E2.1.4.10: 5-9) ou no texto de Genebra: *i-nu-ma ki-ib-ra-at ar-ba-i ish-ti-ni-ish ib-ba-al-ki-tu-ni-in-ni*, “Quando as quatro regiões juntas revoltaram-se contra mim” (linhas 10-11).

<sup>56</sup> Todas as referências podem ser encontradas em FOSTER, B. R. *Janes* 14, p. 33 sub iii 2.

<sup>57</sup> FOSTER, B. R. *Arrim* 8, p. 36; uma leitura admitida por FRAYNE, D. R. *Rime* 2, p. 985 sub d).

<sup>58</sup> WILCKE, C. Amar-girids revolte gegen Narâm-Su'en. *ZA* 87, 1997, p. 22 e 31; SOMMERFELD, W. Narâm-Sîn, die “Grosse Revolte” und MAR.TU<sup>ki</sup>. In: MARZAHN, J. e NEUMANN, H. (eds.). *Assyriologica et Semitica, Festschrift für Joachim Oelsner. AOAT* 252. Münster: Ugarit-Verlag, 2000, p. 422, nota 12.

<sup>59</sup> NOUGAYROL, J. *Annuaire EPHE*, p. 32; FINKELSTEIN, J.-J. Mesopotamian historiography. *Paps*, 107, 1961, p. 465; LANDSBERGER, B. e TADMOR, H. Fragments of Clay liver models from Hazor. *IEJ* 14, 1964, p. 201-218; MEYER, J.-W. *AOAT* 39, p. 265; BOTTÉRO, J. Symptômes, signes, écritures en Mésopotamie ancienne. In: VERNANT, J.-P. et al. *Divination et rationalité*. Paris: Seuil, 1974, passim.

aspecto das vísceras e, de outro, verbalizassem o teor do oráculo que lhes era associado. No caso do cerco de Apishal, tendo Narâm-Sîn consultado os oráculos, tendo estes sido favoráveis e tendo a operação sido um sucesso, os presságios teriam sido registrados logo após o evento. Eles teriam, portanto, tomado forma histórica no dia seguinte à ação de que eles próprios conservariam a lembrança. O modelo de Mari seria uma cópia desse original.

Em 1974, Daniel Snell<sup>40</sup> emitia as primeiras dúvidas sobre a validade dessa teoria, realizando uma crítica interna dos documentos de Mari. Em 1980, Jerrold Cooper<sup>41</sup> empreendeu uma crítica mais radical dessa tese. Ele observou que as sentenças divinatórias não relatavam fatos históricos, mas expressavam a conformidade entre a vontade divina e o destino de um personagem ou de um país, eram construídas a partir de critérios internos como a paronomásia, distante de toda observação, e nenhum testemunho demonstrava que os adivinhos tinham buscado validar suas previsões por meio de antecedentes observados; por fim, a inclusão na lista de sentenças históricas de presságios associados a personagens legendários provaria que não se julgava útil proceder a tais observações.

Entre as trinta e sete sentenças conservadas nos modelos de Mari, dezoito têm um caráter histórico; elas manifestam a propensão dos adivinhos para explorar o passado. Essa constatação deve, entretanto, ser nuançada, pois dentre os dezoito oráculos, seis enunciam generalidades, apenas doze são atribuíveis a reinados precisos ou dizem respeito a ações ou temáticas particulares: as tomadas de poder, as revoltas, as atividades militares, os finais de reinado e as mortes. Os adivinhos procediam, portanto, a seleções, tendo a história se reduzido para eles apenas aos eventos régios.

Jean Nougayrol via os modelos de Mari que relatavam fatos como maquetes de arquivos no quadro de outras maquetes de aprendizado.<sup>42</sup> Mas podemos falar de arquivos? Os trinta e dois modelos de fígados inscritos foram descobertos juntos na campanha de escavação de 1935-1936, na sala 108 do palácio. Em dado momento de sua história, eles foram, portanto, reagrupados. Hoje, é aceito que eles datem do final da época dita dos *shakkanakku*,

<sup>40</sup> SNELL, D. The Mari livers and the Omen tradition. *Janes* 6, 1974, p. 119 e 122.

<sup>41</sup> COOPER, J. Apodotic death and the historicity of "historical" Omens. In: ALSTER, B. (ed.). XX-VI<sup>E</sup> RENCONTRE ASSYRIOLOGIQUE INTERNATIONALE *Death in Mesopotamia*. Copenhagen: Akademisk Forlag, 1980, p. 99-105.

<sup>42</sup> NOUGAYROL, J. *Annuaire EPHE*, p. 38 e passim; sua hipótese é retomada por MEYER, J.-W. *AOAT* 59, p. 23, 215 e passim; LANDSBERGER, B. e TADMOR, H. *IEJ*, 14, *viam aí exempla*.

em fins do século XIX a.C.<sup>45</sup> Em sua grande maioria, com efeito, os textos apresentam os traços característicos desse período. Considere-se a preposição *ish* (modelos nº 31 e 32), “em direção a, para”, ao invés de *ana*; o uso da terminação *-tin* (modelos nº 18, 28 e 31) em alguns adjetivos ou substantivos; a preposição *ashtu* no antropônimo Man-ashtu-šū (modelo nº 2).<sup>44</sup> Entretanto, em certos modelos, subsistem traços de uma escritura anterior como os valores silábicos *hé* para o sinal KAN, e *a<sub>12</sub>* para o sinal UD (modelos nº 4 e 17), a forma *in* da preposição *ina*, “em” (modelos nº 11, 12 e 26); são características do paleoacadiano.

Mais genericamente, notam-se variantes gráficas, como as formas não contraídas *ru-ba-um*, *ru-ba-u-um* ou *ru-ba-i-im* (modelos nº 23, 25 e 31), face a grafias *ru-bu-um* ou *ru-ba-am* (modelos nº 23 e 24), para a palavra *rubâ'u/rubû*, “príncipe”; as grafias *shá* ou *sha* para transcrever o pronome relativo (passim), ou mesmo as formas declinadas ou fixas desse mesmo pronome (*shu*: modelo nº 13; *shi*: modelo nº 6); as grafias *shu-ma* (modelos nº 14 e 19) ou *shum-ma* (passim) para a conjunção “se”; uma ocorrência de uma forma subjuntiva *-(u)na* típica do período paleobabilônico arcaico (modelo nº 22); enfim, o emprego do título real *malkum* (modelos nº 18 e 23) ao invés de *sharrum* alhures (modelos nº 21 e 22).<sup>45</sup> Esses são exemplos independentes da vontade dos copistas e que testemunham a diversidade das fontes que eles copiavam. Os modelos formam, assim, um grupo heterogêneo do ponto de vista tanto epigráfico como linguístico. Jean-Marie Durand,<sup>46</sup> ao observar em um dos modelos (nº 19) a presença da forma infinitiva *tebê'am*, “levantar-se”, característica do estilo de Mari, propõe datá-lo posteriormente à época dos *shakkanakku*. Suspeita-se que sejam de mesma data as grafias *i-sha-kà-an* (modelos nº 10, 12 e 19), forma durativa do verbo *shakânu*, “colocar” (versus *i-shá-kà-an*, modelos nº 23 e 29), e *i-sha-ne* (modelo nº 30), do verbo *shanû*, “mudar” (ver-

<sup>45</sup> Sobre essas questões: RUTTEN, M. *RA* 35, p. 36; NOUGAYROL, J. Textes hépatoscopiques d'époque ancienne conservés au Musée du Louvre. *RA* 38, 1941, p. 72; GELB, I. J. On the recently published economic texts from Mari. *RA* 50, 1956, p. 3 nota 1; DURAND, J.-M. La situation historique des shakkanakkus: nouvelle approche. *Mari* 4, 1985, p. 160ss; SNELL, D. *Janes* 6, p. 119.

<sup>44</sup> O emprego do sinal ú para escrever a conjunção não é habitual em Mari; ele é amplamente atestado no *corpus* de textos divinatórios paleobabilônicos; por exemplo, GOETZE, A. *YOS*, 10, 36 i 27.

<sup>45</sup> Esses são apenas alguns exemplos. Para mais detalhes, ver SNELL, D. *Janes* 6; DURAND, J.-M. À propos des foies de Mari. *Mari* 2, 1985, p. 218; GELB, I. J. Mari and the Kish civilization. In: YOUNG, G. D. (ed.). *Mari in retrospect*. Winona Lake: Eisenbrauns, 1992, p. 169- 189. Ver, mais recentemente, COLONNA D'ISTRIA, L. Tese inédita, passim.

<sup>46</sup> DURAND, J.-M. *Mari* 2, p. 218.



sus *i-shá-ni*, modelo nº 11). Em resumo, os quatro modelos nº 10, 12, 19 e 30 poderiam, igualmente, ser da época pós-*shakkanakku*.

De todo modo, a descoberta desses artefatos em um mesmo lugar mostra claramente que, em dado momento de suas respectivas histórias feitas de cópias sucessivas, no extremo final do século XIX, eles formaram um conjunto.

Uma comparação com os modelos de fígado de Ugarit pode ser instrutiva. Nessa cidade, foram descobertos 63 modelos em marfim e 23 em argila. Dos primeiros, únicos feitos dessa matéria prima, quase todos os inscritos são provenientes do palácio e deviam se encontrar em um cômodo de um andar que afundou;<sup>47</sup> os últimos, quase todos anepigráficos, foram feitos na casa particular que se atribui a um sacerdote hurrita.<sup>48</sup> Todos datam do século XIII. O uso da escrita e da língua ugarítica mostra que os do palácio são todos de fabricação local. Diferentemente dos demais, os modelos em marfim são objetos aparatos, destinados a serem exibidos em público. As ações às quais neles é feita alusão – desde que as inscrições possam ser decifradas de modo satisfatório e que as formas verbais sejam claramente legíveis – ainda estão inacabadas quando o locutor se exprime;<sup>49</sup> além disso, certos verbos estão na primeira pessoa do singular.<sup>50</sup> Em todo caso, não se encontra neles nenhuma alusão a eventos do passado.

Essas observações levariam a ver aí modelos de aprendizado mais do que modelos de arquivos, se não fosse a matéria prima do suporte. Já a sua qualidade e a presença de outro objeto de marfim, um cetro ou uma massa, vão no sentido de instigar uma dúvida quanto ao qualificativo de documentos de arquivo. Propomos reconhecer neles objetos de coleção.

Em história, tudo começa com o gesto de separar, de juntar e de transformar em documentos artefatos dos quais mudamos o estatuto reproduzindo-os. Um arquivo é um corpo organizado de documentos produzidos por uma instituição que os seleciona, os reúne e os conserva, o que implica a combinação de um lugar de conservação, uma biblioteca, por exemplo, de um grupo de indivíduos, de eruditos, e de práticas que consistem em co-

<sup>47</sup> Ver recentemente: GASCHET, J. e PARDEE, D. Les ivoires inscrits du palais royal (fouille 1955); YON, M. e ARNAUD, D. (eds.). Études ougaritiques I, Travaux 1985–1995. RSO 14. Paris: Éditions Recherches sur les Civilisations, 2001, p. 191–230.

<sup>48</sup> Em último lugar, PARDEE, D. Ritual and cult at Ugarit. WAW 10. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2002, p. 128–131. Elas parecem reproduzir fígados observados durante os sacrifícios.

<sup>49</sup> Catálogo nº 1, 14, 16, 20, 24, 25.

<sup>50</sup> Catálogo nº 16, 20, 24.

piar, classificar e transmitir esses documentos que têm por finalidade fixar a memória.

A coleção não implica tudo isso. É verdade que não sabemos se, no palácio de Mari, os documentos foram expostos em um lugar cuja localização permitia que fossem vistos. A mistura da amostragem, englobando modelos ditos de arquivo e modelos ditos escolares, leva a duvidar da pertinência da tipologia proposta; esta é fruto da pesquisa moderna e da sua necessidade de estabelecer classificações. Em outros campos, vimos, aliás, o quanto a distinção entre textos de fixação e textos de aprendizado era artificial na época paleobabilônica.<sup>51</sup> Seja como for, trata-se de textos divinatórios eruditos ou escolares, sendo que o palácio de Mari não abrigava nem escola, nem biblioteca, nem tampouco local de arquivamento, não tendo a vocação de conservá-los, ao contrário das cartas e dos relatórios endereçados ao rei.<sup>52</sup>

O objeto de coleção é revelador do estado de uma sociedade e das questões que ela se coloca. Ele tem com a história e a memória uma relação particular. Pelo lugar que ocupa, ele é tanto o receptáculo de um saber que o liga ao passado como uma peça constitutiva do presente vivido. Ele assegura, ao mesmo tempo, a promoção de seu detentor, de quem eleva o prestígio, principalmente enquanto depositário de um saber erudito.

Atualmente, o mais antigo testemunho sobre o cerco de Apishal é o modelo de Mari, possivelmente a cópia de um original mais antigo que poderia remontar à época de Ur III. Deve-se, por conta disso, duvidar da autenticidade do evento?

Na Antiguidade mesopotâmica, a questão jamais foi levantada. O evento era sempre verídico por definição, mesmo se não fosse factual. Os autores clássicos – em primeiro lugar, Tucídides e Cícero – não deixaram de repetir incessantemente que a história era o relato de fatos efetivamente ocorridos. Mas os historiadores mesopotâmicos estavam atrelados à mesma exigência? Entre eles, não estava a atmosfera saturada pelo mito, pela lenda e pela epopeia, relatos cuja função era a de tornar o passado inteligível e dos quais ninguém duvidaria que eram baseados em fatos reais? No final do século VI, no mundo grego, Hecateu de Mileto estabeleceu um procedimento

<sup>51</sup> GLASSNER, J.-J. *Écrire des livres à l'époque paléo-babylonienne: le traité d'extispicine*. ZA 99, 2009, p. 1-81.

<sup>52</sup> Ver as considerações de DURAND, J.-M. *Archives épistolaires de Mari*, I/1. Paris: Éditions Recherche sur les Civilisations, 1988, p. 63, a propósito de alguns textos divinatórios teóricos descobertos no palácio. Sabe-se, hoje, que a cidade de Mari não se limitava apenas ao palácio real.

rudimentar visando corrigir e racionalizar as narrativas lendárias. O riso de Heródoto diante da multiplicação das perspectivas testemunhou, pouco tempo após, os progressos da crítica dos documentos. Nada disso existiu na Mesopotâmia onde a ruptura entre as esferas do mito ou da lenda e o registro da história jamais se consumou. Uma autonomia do discurso histórico foi conquistada apenas tardiamente pelos autores de algumas crônicas neobabilônicas. Pelo contrário, chegou mesmo a existir certa mistura com o mito utilizando categorias históricas e a história não hesitando em se “mitologizar”. Em resumo, na Mesopotâmia, a história jamais foi uma ciência provida de um método claro e sua fraqueza residiu manifestamente no modo de abordar os documentos.

O ponto de vista do historiador moderno é, evidentemente, diferente. Quando as fontes faltam, ele só pode permanecer hesitante acerca da historicidade do evento, seja um feito militar seja a realidade dos presságios que foram consultados.

#### IV. A história de uma sentença

O modelo de fígado de Mari é a peça mais antiga do corpo documental. A interpretação da prótase não é segura, com exceção do caminho que se divide em dois ramos. Essa duplicação de um elemento constitutivo do presságio encontra-se, mais tarde, em vários documentos com a presença de duas portas do palácio (YOS 10, 22 e 24), de duas perfurações (YOS 10, 24) ou de dois dedos (YOS 10, 11; KAR 453; K 2130; BM 67404). No que se refere à apódose, a unicidade do modo de expressão, distante dos outros testemunhos, mostra que ela não é a fonte direta das sentenças posteriores.

Quanto ao conjunto das fontes, ele se estende por mais de um milênio e meio entre a Babilônia e a Assíria. Tomemos como ponto de partida deste estudo os documentos paleobabilônicos de Yale (YOS 10, 11; 22; 24; 26 e 56). Todos pertencem aproximadamente à mesma data e são da mesma proveniência, uma casa que abrigava uma escola e uma biblioteca, provavelmente a casa de Balmunamhe em Larsa.<sup>55</sup> Foram encontrados aí textos relativos ao ensino e à criação, desde modelos escolares e rascunhos até uma lição do professor.<sup>54</sup> Três fontes, YOS 10, 22, 24 e 26, são muito próximas. Elas têm o mesmo início e o mesmo objeto de estudo, a porta do palácio. A primeira, a

<sup>55</sup> DYCKOFF, C. *Das Haushaltsbuch des Balamunamhe*, Tese inédita, Munich, 1999, t. 1, p. 108-114.

<sup>54</sup> GLASSNER, J.-J. La leçon d'un devin paléo-babylonien, *RA* 98, 2004, p. 63-80; Idem, *ZA* 99, 2009.

mais curta, é um documento escolar, mas que já é resultado de uma compilação. A terceira, com suas quatro colunas, é a mais desenvolvida. Cada uma delas é concebida da mesma maneira: após o estudo de aspectos do presságio, o adivinho se consagra à observação das marcas fortuitas que podem aparecer. O autor de YOS 10, 26 acrescenta um segundo critério de classificação dedicando a coluna II ao estudo da raiz *plsh*, “perfurar”, a coluna III ao estudo da raiz *ptr*, “quebrar”.<sup>55</sup> Seria um erro buscar estabelecer um vínculo genealógico entre as fontes; elas testemunham os diferentes momentos no esforço dos adivinhos em elaborar coletâneas de sentenças e transmitir seu saber.

Quanto à tomada de Apishal, o autor de YOS 10, 22 contenta-se em estabelecer a relação entre o verbo *lawû*, “fazer um cerco” da prótase e *kamû*, “aprisionar”, da apódose; ele, entretanto, inovou modificando o enunciado do oráculo do qual ele inverte o sentido; este último não era mais aquele de Narâm-Sîn, mas o do apishaliano e, de favorável para o rei, ele se torna desfavorável para o inimigo. YOS 10, 24 introduz, por sua vez, outra novidade. Conservando a inversão do sentido, ele enriquece a figura do presságio dotando-a de duas perfurações que atravessam o fígado de lado a lado, à direita da vesícula biliar, e precisa, no enunciado do oráculo, que a cidade foi tomada por meio de uma trincheira. Fazendo isso, utilizando uma paronomásia, ele põe em evidência um jogo de assonância fonética entre o termo que designava as perfurações no fígado, *plsh*, e o topônimo *pshl*, no qual, por meio de uma metátese, ele identifica a mesma raiz (*plsh* < *pshl*); por outro lado, ele estabelece que a cidade foi tomada por meio de uma trincheira, igualmente *plsh*. Enfim, ele inscreve a sentença em uma tríade relativa ao inimigo e da qual os dois primeiros termos são:<sup>56</sup>

Se há duas portas do palácio e uma afasta a outra – o inimigo tomará os navios do porto. Se há duas portas do palácio e, além disso, o olhar se aproxima do caminho – o inimigo cercará uma cidade, mas a cidade fará uma saída e afastará o inimigo.

Vê-se que a raiz *drs*, “afastar”, da primeira prótase ecoa *skp*, “afastar”, que figura na segunda apódose. Como todas essas sentenças dizem respeito ao inimigo, tornou-se indispensável, no nível da expressão, que a terceira se referisse ao apishaliano. Reformulada dessa forma, a sentença 9 opõe-se à 7, que é favorável ao inimigo, que penetra na cidade baixa cercada. A sentença

<sup>55</sup> GLASSNER, J.-J. *ZA* 99, 2009, p. 47-50.

<sup>56</sup> Linhas 7 e 8.

8, com a reviravolta da situação expressa no oráculo, é característica do terceiro termo em uma tríade de contraditórios.

O autor de 26, por sua vez, mantém-se distante das duas fontes precedentes. Ele retorna a um presságio favorável ao rei, mas, ao invés do nome de Narâm-Sîn, ele menciona o de um desconhecido, TE-Enlil. Como esse nome substitui, em outra sentença, a poucas linhas de intervalo, o nome de Sargão,<sup>57</sup> avô de Narâm-Sîn, somos levados a ver nele, no presente caso, o avatar do neto.<sup>58</sup> A sentença relativa à tomada de Apishal faz as vezes de segundo termo em uma tríade cujo primeiro termo é enunciado assim:<sup>59</sup>

Se a porta do palácio tem uma perfuração orientada para baixo – o rei confiscará a sucessão do interessado em benefício do palácio.

As duas sentenças são opostas, a primeira tratando da sucessão de uma pessoa privada confiscada pelo rei e a segunda da perda da cidade pelo inimigo em proveito do rei.

Existiam, doravante, dois tipos de oráculos, um relativo a Narâm-Sîn, o outro relativo a Apishal ou ao apishaliano. Paralelamente, os adivinhos estabeleceram uma distinção entre as sentenças que admitiam o jogo de assonância fonética e as demais. As fontes contemporâneas ou posteriores confirmam essas observações.

Tal inovação não podia ocorrer antes do século XVIII. A partir desse período, com efeito, a divinação mesopotâmica ultrapassou um limite epistemológico, um momento em que se produziu uma mudança nos modos de aquisição, de formulação e de difusão dos saberes, ao mesmo tempo em que novos repertórios eram elaborados.

Os saberes analógicos estavam ainda presentes, como atesta a natureza do laço augural que unia o presságio ao oráculo. Mas outros saberes nasceram nas imediações. Pensamos, por exemplo, nos saberes reflexivos que, à

<sup>57</sup> ii 33–34: [MÁSH] KÁ [É.G]AL a-na ni-ri]-im pa-li-ish a-mu-ut 'TE-<sup>d</sup>En-líl [sha] nu-ru-um ú-si-shum, “Se a porta do palácio tem uma perfuração orientada para o jugo – presságio de TE-Enlil para quem a luz jorra”. Do mesmo modo, em GOETZE, A. YOS, 10, 23 reverso 12': ASH KÁ É.GAL a-na 2 pa-li-ish a-mu-ut TE-<sup>d</sup>En-líl-lá sha nu-ru-um ú-si-a-shum, “Se a porta do palácio tem duas perfurações – presságio de TE-Enlil para quem a luz jorra”.

<sup>58</sup> GOETZE, A. JCS, 1, p. 283, sub (43) compreendia o oráculo de modo diferente: a-mu-ut 'TE ?-<sup>d</sup>En-líl sha ... ik-mu]-ú ù um-ma-an-shu i-na pi-il-shi-im i-du-[ku-shu], “presságio de TE-Enlil que ... aprisionou e cujo exército ele massacrou, tomando a cidade por meio de uma trincheira no muro”.

<sup>59</sup> ii 41–42.

margem da verbalização que reduz a palavras os objetos e as figuras, favoreciam as mediações sobre as palavras da língua, encorajavam as inovações na ordem sintática, davam ênfase à abordagem metalinguística da linguagem, levavam os eruditos a implicarem-se ainda mais em sua própria ciência. Pensamos, também, nos saberes dedutivos feitos de operações racionais pelas quais se concluía uma afirmação a partir de premissas, sem recorrer à experiência, de acordo com procedimentos estabelecidos e que contribuía enormemente a uma formalização lógica do pensamento. A operação era feita por meio de dois processos de semantização: o primeiro consistia em verbalizar os presságios; o segundo, em associar o resultado desse primeiro processo com o oráculo correspondente. Foi nesse espírito que os adivinhos puseram-se a compor tratados em que um texto verbal descrevia, tomando seu lugar, seja o texto pictural que ornava os modelos, sejam as vísceras originais, postas para serem maceradas em um licor. Para essa finalidade, eles inventaram um modo de expressão inédito, estabelecendo uma nomenclatura estável, um léxico de substantivos, adjetivos e verbos próprios para descrever com toda a precisão exigida as configurações dos presságios. Em resumo, eles começam a construir os sinais passando da imagem à descrição verbal, do desenho ao texto. Por outro lado, com a apropriação dos presságios pelo universo da escritura, e esta é provavelmente a grande novidade da época, eles passaram de uma ciência que se limitava a constatar a uma ciência que sabia como explicar a razão das coisas. Mobilizando os saberes da escritura a serviço da adivinhação, eles alcançaram a posição de explicar seja a maneira como os presságios eram construídos seja a natureza dos laços que os uniam aos oráculos.<sup>60</sup>

O autor de YOS 10, 26 inovou ainda de outra maneira, introduzindo no enunciado do oráculo, ao lado do verbo *kamû*, “aprisionar”, que já figurava em YOS 10, 22 e 24 (igualmente em OBE 14 e, mais tarde, em BM 41548+), assim como se encontrava em uma inscrição de Narâm-Sîn comemorando a tomada de Armânium, o verbo *dâku*, “desfazer, matar”, a propósito do exército de Apishal, no enunciado do oráculo. O mesmo verbo *deu* encontra-se em YOS 10, 11, uma coletânea de sentenças variadas agrupadas de modo errático. Neste caso, afirma-se que Narâm-Sîn “venceu” ou “matou” o apishaliano. As duas traduções são igualmente válidas. Ora, a exigência da língua é tal que

---

<sup>60</sup> Sobre essas questões: GLASSNER, J.-J. La fabrique des présages en Mésopotamie: la sémiologie des devins. In: GEORGOUDI, S., KOCH PIETTRE, R. e SCHMIDT, F. (eds.). *La raison des signes. Présages, rites, destin dans les sociétés de la Méditerranée ancienne*. Leyde: Brill, 2012, p. 29-55.

uma escolha entre os dois sentidos da palavra é necessária. Em YOS 10, 31, pode-se ler:<sup>61</sup>

Se, no interior da bile, um furo está presente – diante de uma trincheira, o rei será morto.

Aqui, o sentido é indubitável, o anúncio da morte do rei é esperado. Isso justifica as traduções do verbo por “massacrar” e “matar” em YOS 10, 11 e 26. A memória das guerras conduzidas pelos reis de Akkad, com seus cortejos de mortos ou prisioneiros, relatadas pelas inscrições oficiais e pelas cópias mais recentes, estava fortemente ancorada nos espíritos. Antes dessa época, os costumes guerreiros tinham sido diferentes e os vencedores poupavam os vencidos de quem podiam exigir a realização de corveias.<sup>62</sup>

O mesmo documento YOS 10, 31 oferece, com pouca distância em relação à sentença precedente, uma lição inversa, ainda sobre o mesmo tema da escavação de uma trincheira:<sup>63</sup>

Se a bile, sua base está no alto, sua ponta está embaixo – o rei forçará uma trincheira no [muro de] sua própria cidade e fará uma saída.

Essa sentença não deixa de lembrar um episódio do cerco de Razamã<sup>64</sup> ao longo do qual os defensores fizeram uma saída por uma trincheira que eles próprios haviam escavado.

Com o passar do tempo, os adivinhos acrescentaram outras modificações inéditas à sentença. Em YOS 10, 56, em uma coletânea de sentenças provenientes da teratomancia, um novo verbo aparece para expressar a prisão do apishaliano, o verbo *kashâdum*, “capturar”. Ele é encontrado mais tarde, na época médio-assíria, em Assur, no documento KAR 453, na época neoassíria, em Nínive, no documento K 2130, mais tarde ainda, em Borsippa, no final da época persa, no tablete BM 67404, uma duplicata do exemplar de Nínive. Além disso, nas três últimas fontes citadas, a palavra *shîlu*, “buraco”, substi-

<sup>61</sup> i 41-46.

<sup>62</sup> Por exemplo, FRAYNE, D. R. *Rime* 2, E2.1.2.6, p. 52-53; E2.1.4.2, p. 93-94; E1.1.4.6, p. 106-107. GLASSNER, J.-J. Couper des têtes en Mésopotamie. In: D'ONOFRIO, S. e TAYLOR, A.-C. (eds.). *La guerre en tête. Cahiers d'Anthropologie Sociale* 2. Paris: L'Herne, 2006, p. 52-53.

<sup>63</sup> i 32-40.

<sup>64</sup> CHARPIN, D. Données nouvelles sur la poliorcétique à l'époque paléo-babylonienne, *Mari* 7, 1993, p. 198-203. Cite-se, também, KÖCHER, F. Literarische texte in akkadischer Sprache. *KUB* 37. Berlin: Mann Verlag, 1953, n° 216: 3-5: *sha SHÀ URU-lim URU-lam i-pa-al-la-ash-ma ú-ul ú-us-si*, “um habitante da cidade perfurará (o muro da) cidade, mas não sairá”.

tui *pilshu*, “perfuração”, na prótase, sendo que *pilshu* é mantido na apódose com o sentido de “trincheira”. O vocabulário técnico acadiano possuía várias palavras para se referir à abertura de brechas ou de túneis em uma muralha: *neptû*, “abertura”, *niksu*, “corte”, *pilshu*, “trincheira”, *pirsu*, “fratura” e *shîlu*, “túnel”. As fontes divinatórias fazem referência a apenas três dentre elas:<sup>65</sup>

	<b>Prótase</b>	<b>Apódose</b>
<i>Neptû</i>	abertura	brecha
<i>Pilshu</i>	perfuração	trincheira
<i>Shîlu</i>	buraco	túnel

O primeiro era entendido como uma abertura no muro, os dois últimos como um túnel na base do muro. Para amenizar esse último tipo de ataque, os reis inovaram no início do II milênio erguendo um aterro interior de cascalho no qual nenhum túnel podia se firmar.<sup>66</sup> Existiu, portanto, no interior das sentenças relativas à tomada de Apishal, uma última subsérie que associa as raízes *sh'l* e *plsh*. Graças a YOS 10, 31, vimos que a presença de um *shîlum* anunciava uma morte. Essa relação é confirmada por outro documento paleobabilônico, YOS 10, 26:<sup>67</sup>

Se, acima da porta do palácio, um buraco é nivelado – um leão matará aquele que sai pela grande porta.

<sup>65</sup> Para *neptû*, ver THOMPSON, R. C. *Cuneiform texts (...) British Museum* 20. Londres: British Museum, 1904, 23, K 4702: 6-7 (= KOCH-WESTENHOLZ, U. *Babylonian Liver Omens*. Copenhagen: Museum Tusculanum Press, 2000, n° 42 I: 6-7); WALKER, C. B. F. *Cuneiform texts (...) British Museum* 51. Londres: British Museum, 1972, 151 rev. 2-3 + 158: 16'-17' (= KOCH-WESTENHOLZ, U. *BLO*, n° 31, p. 28-29).

<sup>66</sup> Sobre as técnicas de cerco, ver REY, S. Tese inédita; ABRAHAMI, Ph. *BAR*; De BAKER, F. Notes sur certains sapeurs néo-assyriens, *Rant* IV, 2007, p. 45-64; MARGUERON, J.-C. *Mari*. Paris: Picard-ERC, 2004, p. 445.

<sup>67</sup> ii 32.



No que se refere a Apishal, obtivemos o seguinte quadro:

Presença do jogo		Ausência do jogo	
presságio de N. S. presságio do apishaliano		presságio de N. S. presságio do apishaliano/de Apishal	
I		Mari, fígado nº 3	
II	OBE 14 YOS 10, 26 (TE-Enlil)	YOS 10, 11 YOS 10, 24	YOS 10, 22 YOS 10, 56
		<i>shîlu</i>	
III	BE 56404 BM 54635 BRM 4, 13	KAR 453 Rm 89 K 2130 BM 67404	BM 41548+ TCL 6, 1

Falta mencionar outra fonte, um segundo modelo de Mari:<sup>68</sup>

A: Presságio do cerco, aquele de Kish.

Face ao exército, trincheiras foram feitas e o exército de Ishme-Dagân foi tomado.

A prótase compõe-se de três cavidades que atravessam o modelo de lado a lado. Podemos hesitar sobre a identificação dessas cavidades: “perfurações”, *pilshu*, ou “buracos”, *shîlu*. O presságio relativo a Kish com suas três cavidades distingue-se, portanto, daquele relativo a Apishal com a duplicação de um de seus componentes (é verdade que, em YOS 10, 22 e 24, ao lado das duas portas do palácio, há três “rins”, *kalîtu*). Além disso, o jogo de assonância fonética não pode ser realizado com o topônimo Kish. Com base nessas observações, poder-se-ia postular a identificação das três cavidades com *shîlu*, “buracos”, de preferência a *pilshu*, “perfurações”? A tentação é grande, mas não há nenhuma certeza. De resto, com o tempo, essa distinção parece ter perdido pertinência. No século VII a. C., com efeito, um mestre-advinho não teria dado a seguinte explicação à sua audiência: *pilsha kîma*

<sup>68</sup> RUTTEN, M. RA 35, nº 11.

*shilimma tushtabbal*, “tu interpretarás a perfuração como se fosse realmente um buraco”?<sup>69</sup>

A tomada de uma cidade por meio de uma trincheira havia se tornado um caso de estudo e poderíamos dar uma litania de exemplos disso. Dois serão o bastante. Chegava-se a compor sentenças cuja redação da prótase inspirava-se naquela relativa a Apishal. Por exemplo:<sup>70</sup>

Se o fígado está repleto de... encavalado, uma arma situada à direita da bile aponta para a esquerda e, diante dela, existem sete [?] perfurações – presságio de Narâm-Sîn que, sob esse signo, marchou sobre Magan, tomou Magan e capturou Manum, o rei de Magan.

Enfim, os adivinhos esquematizaram outras possíveis aproximações entre as palavras, fazendo aparecer na prótase a raiz *ptr*, “fissura, ter uma fissura”, que eles relacionaram com *plsh*, “trincheira”, na apódose:<sup>71</sup>

Se a extensão direita da porta do palácio tem três fissuras – o inimigo tomará uma cidade fronteira tua. Se a extensão esquerda da porta do palácio tem quatro fissuras – tu tomarás uma cidade inimiga por meio de uma trincheira.

Em resumo, recorrendo à paronomásia,<sup>72</sup> figura de linguagem que consiste em aproximar palavras que são quase homônimas, os adivinhos paleobabilônicos inventaram uma sentença completamente inédita nos termos da qual as perfurações, *pilshu*, presentes no fígado de um animal sacrificado, ou seja, marcas patológicas tornaram-se homólogas da conquista de uma cidade nomeada Apishal por meio de uma trincheira, igualmente *pilshu*. Remanejada dessa forma, a sentença ocupa um lugar, como em YOS 10, 24 e 26, em séries homogêneas. Os mesmos adivinhos, e outros após eles, inebriados pelos aspectos lúdicos de seu saber, enriqueceram incessantemente o fio da narrativa através da introdução de acréscimos, como o verbo *dâku*, ou variantes, como a substituição do verbo *kamû* por *kashâdu*. Eles modificaram igualmente

<sup>69</sup> HANDCOCK, P. S. P. e KING, L. W. *Cuneiform texts (...) British Museum* 28. Londres: British Museum, 1910, 28, 38+47-48: 12' (atualmente, ver: KOCH-WESTENHOLZ, S. *BLO*, p. 420, n° 83: 21, que inclui uma duplicata inédita).

<sup>70</sup> K 2130 reverso 15-18: KING, L. W. *CCEBK*; NOUGAYROL, J. *Annuaire EPHE*, n° 78; STARR, I. The place of the historical Omens in the system of Apodoses, *Bi.Or.* 45, 1986, p. 628-642; KOCH, U. S. *Secrets of extispicy. AOAT* 326. Münster: Ugarit Verlag, 2005, p. 231.

<sup>71</sup> GOETZE, A. *YOS* 10, 26 iii 25-26.

<sup>72</sup> Sobre a paronomásia na época paleobabilônica: COHEN, E. Paronomastic infinitive in old Babylonian, *JEOL* 38, 2003-4, p. 105-112; WINITZER, A. *The generative paradigm in old Babylonian divination*. Tese de doutorado, Harvard, 2006, inédito, passim.

te o sentido, jogando com aproximações, não mais entre dois empregos da mesma raiz *plsh*, mas de relações estabelecidas entre as raízes *sh'l* ou *ptr* e *plsh*.

## V. A construção da memória

O que nos ensina o episódio de Apishal? Sensibilizados pelo passado e desejosos de lhe dar sentido, os adivinhos logo perceberam que ele formava uma massa incompreensível de dados pontuais e que somente se tornaria inteligível ao preço da seleção de um pequeno número de fatos sobre os quais eles – fiéis ao seu modo de pensamento fundado sobre o estudo de dados singulares – concentrassem toda sua atenção. Eles escolheram um evento, a tomada de Apishal com a consulta oracular que a acompanhou e que a tradição atribuía a Narâm-Sîn, como se escolhessem uma amostra para situá-la em uma coleção. Estariam eles desprovidos, como nós, de documentos que estabelecessem claramente a historicidade dos fatos? Nós o ignoramos. Lembremos da lição de Orígenes para quem os eventos históricos não podiam ser objeto de nenhuma demonstração, mesmo quando autênticos!<sup>75</sup>

O modelo de fígado de Mari já se inscrevia na cadeia de transmissão de uma tradição, com tudo que esta comporta de remanejamentos e de novidades. Para dizer a verdade, os eruditos da época não faziam nenhuma diferença entre um fato mítico ou um evento histórico, entre o personagem lendário ou ator da história, o herói da epopeia ou o monarca glorificado por uma inscrição oficial. Gilgamesh e Sargão de Akkad não terminaram, na literatura historiográfica, postos em uma proximidade tão grande que os títulos e os feitos de um joravam sobre a personalidade do outro?

Seja como for, o ponto de partida do pensamento dos adivinhos jamais foi a realidade histórica, mas o que era tomado como tal; além disso, ele continha em si mesmo uma ampla prática do esquecimento. O que o texto do modelo de Mari nos revela não é tanto a narrativa tecnicamente fiel de um evento tal como ele ocorreu, mas uma consciência histórica que aborda esse mesmo evento à luz, como veremos, de preocupações mais imediatas.

Após selecionar, os adivinhos começaram a isolar o evento de seu contexto de modo que ele não fosse mais vinculado ao que o precedia ou ao que o seguia. Liberando-o desse contexto original, que foi totalmente silenciado, eles o tornavam mais legível e mais facilmente pensável. Promoveram, assim,

---

<sup>75</sup> *Contra Celso* I, 42.

um evento factual ao patamar de fato histórico. Esse procedimento lhes permitia conectá-lo a realidades presentes ou futuras, sendo que o laço que unia os diferentes oráculos entre eles residia na unicidade do presságio com o qual eles eram considerados homólogos. Era seu futuro que lhes dava um sentido.

Eis aqui quatro exemplos escolhidos entre documentos cujos autores associaram com uma finalidade pedagógica – explicar o significado de um presságio histórico – vários oráculos, alguns evocando um fato do passado, outros evocando um evento ainda não ocorrido, a um presságio único:

Modelo de Mari n° 11:<sup>74</sup>

Oráculo relativo ao cerco de Kish e à derrota de Ishme-Dagân, mencionado anteriormente.  
Se o coração do país muda (isso se apresentará assim).

O presságio compõe-se de três cavidades.

Segundo tablete do tratado *Shumma izbu*; versão neoassíria, de Nínive:<sup>75</sup>

Se uma mulher dá à luz e [o rebento malformado] tem uma cabeça de serpente – presságio de Ningishzida que consumirá o país. Presságio de Gilgamesh que governará o país. Haverá um rei da totalidade do país.

Tablete lenticular paleobabilônico de Sippar:<sup>76</sup>

Se as circunvoluções do intestino grosso são como Huwawa – presságio de Sargão que governará o país. Variante [para um indivíduo comum]: a casa do interessado extinguir-se-á.

Comentário neoassírio:<sup>77</sup>

Se o presságio é como um pulmão – a esposa do interessado, seus filhos a assassinarão. Se, segunda lição, dito [= o presságio é como um pulmão], ele forma um espaço plano e não há dedo – presságio de Ku-Baba, a taberneira, que seus filhos assassinaram...

<sup>74</sup> RUTTEN, M. *RA* 35, n° 11.

<sup>75</sup> LEICHTY, E. *TCS* 4, tablete II: 6.

<sup>76</sup> Em último lugar: NOUGAYROL, J. *Textes religieux* (II). *RA* 66, 1972, p. 144 e nota 1.

<sup>77</sup> NOUGAYROL, J. *Notes sur la bârûtu*, capítulo X, tablete 15. *Iraq* 31, 1969, p. 59-60: 9'-11'; mais recentemente KOCH, U. S. *Secrets*, n° 28.

No primeiro exemplo, a aproximação esboçada entre os dois oráculos ilumina a aptidão do adivinho em reunir fatos de ordem bastante diferente. A derrota do exército de Ishme-Dagân estaria ligada a uma mudança de opinião no país? Vê-se germinar aqui o desejo de história, a tomada de consciência de uma tendência em direção a um objeto doravante conhecido, a convicção de que o passado é cognoscível e o futuro, previsível. Como não aproximar esse texto dessa magistral lição de história legada por um adivinho e proveniente do mesmo arquivo?:<sup>78</sup>

Se o dedo mediano do pulmão está invertido e aponta para a traqueia – (a) o rio será obstruído [e] as águas deixarão de escoar; (b) o território, seus deuses o abandonarão; (c) o país irá para a desolação ou, então, o reinado mudará.

Tendo claramente identificado o presságio, o adivinho sabia que ele estava relacionado ao oráculo (a), evocador de uma estratégia militar bem conhecida que consistia em desertificar o território inimigo a fim de reduzi-lo à fome; o oráculo (b) evocava a atitude dos deuses, os mesmos deuses que haviam inspirado o presságio, ou seja, ele enunciava a verdadeira causa dos eventos anunciados; o oráculo (c), por fim, expunha, sob a forma de uma dupla alternativa (o país caminhará para a perda ou o rei mudará), a solução do problema: cabe aos interessados decidir.

O segundo exemplo põe em cena Gilgamesh em seu papel de rei do país. Os dois oráculos conjuntos, a evocação de Ningishzida, um deus da peste, e o anúncio de um rei da “totalidade” qualificam o herói como um déspota.

No terceiro exemplo, a presença do retrato de Huwawa na prótase evoca, evidentemente, a figura de Gilgamesh da qual a imagem de Sargão era próxima, e assim como Sargão foi um conquistador, o indivíduo particular verá seus bens aumentarem.

No quarto exemplo, o destino da rainha Ku-Baba faz as vezes de precedente histórico para todo ato rigorosamente idêntico. O fim que o presente constitui já se apresentava no exemplo histórico. A modificação introduzida pelo adivinho no enunciado do segundo presságio não altera em nada o vínculo augural que permanece constante de uma sentença para outra. A expressão *shanû shumshu* (MAN-ú MU-shú) merece consideração. Ela era frequentemente utilizada na literatura divinatória para introduzir uma varian-

<sup>78</sup> GOETZE, A. YOS, 10, 5.

te<sup>79</sup> e significava exatamente “seu outro nome”. Em outros termos, e como o havia sublinhado Jean Bottéro na sua época, ela designava uma “outra maneira de formular”<sup>80</sup> uma sentença, em que se entende que cada caso exposto – dentre os quais os eventos históricos figuravam em primeiro lugar – já continha, potencialmente, todos os outros. Esse tipo de raciocínio também era próprio aos juristas.<sup>81</sup>

De onde se vê que o evento histórico não era percebido como um fato singular e irreversível; essa noção de singularidade é uma invenção da Europa moderna e que é duramente atacada nas últimas décadas, uma vez que o evento não mais se insere em uma ordem cronológica e geográfica restrita, mas em uma temporalidade e uma dinâmica mais longa. Ele era compreendido como um precedente, um fato anterior que permitia entender um fato análogo e a partir do qual era possível tecer representações de modo a modificar-lhe o significado inicial. Ademais, no caso em questão, a adivinhação pôs seu apetite por inteligibilidade a serviço da história. Oferecendo ao historiador o presságio, esse signo de uma representação, o adivinho contribuiu para criar uma sede estável em torno da qual podiam se reunir representações variadas. Ora, como qualquer outro signo, todo presságio tinha um sentido e uma denotação; ele era, além disso, suscetível de várias denotações sempre conservando o mesmo sentido. No seio do evento, revelava-se, então, uma invariante oculta, o vínculo augural que unia o presságio aos oráculos e que permanecia constante.<sup>82</sup> Portanto, o evento “Apishal” foi englobado sob um tipo particular, o do cerco da cidade. O episódio situou-se em séries cognitivas relativas à arte da poliorcética, pois, como nos informa uma carta de Mari, existia uma adivinhação específica sobre esse tema.<sup>85</sup>

Mas os recursos dos adivinhos eram infinitos. O universo formava, a seus olhos, um mundo fechado em que cada parte estanque que o compunha estava revestida de particularidades próprias que os deuses lhe acorda-

<sup>79</sup> Sobre essa expressão: WINITZER, A., op. cit.

<sup>80</sup> BOTTÉRO, J. *Symptômes, signes écritures*, p. 182.

<sup>81</sup> GLASSNER, J.-J. Droit et divination: deux manières de rendre la justice. À propos de dînum, u,urtum et awatum. *JCS* 64, 2012, p. 52-53.

<sup>82</sup> Sobre a noção de invariante na história: VEYNE, P. *Comment on écrit l'histoire*. Paris: Seuil, 1971, passim. O autor, porém, se interroga na p. 232: “As invariantes são organizáveis em um sistema hipotético-dedutivo?”. A propósito da repetição de certas conjunturas, ele sugere que “[A verdadeira questão] consiste em se perguntar como são os fenômenos, e não quais são as exigências da Razão”.

<sup>85</sup> DOSSIN, G. Correspondance féminine. *ARM* 10, n° 120. Paris: Geuthner, 1978; mais recentemente: DURAND, J.-M. *Documents épistolaires du palais de Mari*, t. III. Paris: Cerf, 2000, p. 327, n° 1147.

vam. Entretanto, através de uma pura operação do pensamento, supunha-se que essas entidades desconexas coabitavam e ajustavam-se conjuntamente, pois estavam ligadas entre si por uma complexa malha de simpatias e antipatias que as aproximava ou afastava. Elas correspondiam-se segundo esse princípio essencial da similitude que prega que o semelhante atrai o semelhante. Em uma primeira abordagem, todas essas semelhanças eram invisíveis, não fossem os presságios ou marcas que apareciam na superfície das coisas e assinalavam sua existência. Em uma palavra, com sua força dinâmica própria, a analogia fundava o pensamento dos adivinhos, levando até limites longínquos o estabelecimento de um universo de espelhos em que tudo se refletia em tudo.

Os adivinhos permitiam-se também outras aproximações. Em um fragmento da coletânea de teratomancia, de época babilônica tardia, uma homologiação entre a figura de um tigre e a derrota do apishaliano é proposta. Infelizmente, a versão paleobabilônica desse mesmo presságio está parcialmente perdida devido a uma lacuna no tablete, mas outra sentença da mesma coletânea é enunciada da seguinte maneira:<sup>84</sup>

Se o rebento malformado é um tigre – um rei da totalidade.

A sentença é precedida e sucedida por duas outras relativas a Sargão de Akkad, o avô de Narâm-Sîn, e somos levados naturalmente a reconhecer este último na menção do rei anônimo da totalidade, uma figura, ao mesmo tempo, posta e complementar à de Sargão, o que leva o adivinho a meditar sobre a figura régia a partir do exemplo paleoakkadiano. Alhures, nessa mesma coletânea, na versão neoassíria de Nínive, o adivinho tirava uma outra lição da comparação do presságio com um tigre: tratava-se de um “ataque do Elam”, *ZI-ut NIM.MA.[KI]*.<sup>85</sup> Na sentença precedente, a comparação com uma pantera anunciava a vinda de um rei da totalidade; na sentença consecutiva, a figura de uma gazela no presságio era tida por um homólogo de um oráculo que anunciava que o príncipe disporia de valentes guerreiros, um oráculo bem conhecido relativo a Gilgamesh ou a Sargão.<sup>86</sup> Pode-se ver no ataque do Elam uma alusão à conquista de Ur. Não muito longe,<sup>87</sup> o adivinho não teria escolhido evocar a figura de Ishbi-Erra, o mesmo que

<sup>84</sup> GOETZE, A. *YOS*, 10, 56 iii 33.

<sup>85</sup> LEICHTY, E. *TCS* 4, tablete V 97.

<sup>86</sup> Alguns exemplos podem ser encontrados em NOUGAYROL, J. *Annuaire EPHE*, passim.

<sup>87</sup> V 105.

expulsou os elamitas da antiga capital suméria? É, portanto, um pedaço da história da Mesopotâmia que ele se propunha a narrar.

Em resumo, a atenção ao fato pontual especificou o trabalho dos adivinhos não tanto porque ele era, banalmente, um objeto pensado, mas porque ele era, para retomar a expressão de Michel de Certeau, o “limite do pensável”.<sup>88</sup>

A narração por escrito exerceu plenamente seu papel. A história dizia respeito a um tipo de saber fundado sobre um conhecimento que permanecia à distância do real, um modo muito mesopotâmico de abordar a questão. Com o tempo, os fatos sofreram uma metamorfose. Ligados a seu modo de expressão, seu significado proveniente de uma primeira elaboração esvaziou-se em benefício de virtualidades mais familiares ou mais conhecidas. O evento verdadeiro se distinguiu doravante do evento discursivo. A realidade propunha, o imaginário dispunha. Rapidamente, alguns adivinhos, jogando com a paronímia, avançaram uma proposta inédita, nos termos da qual o rei teria conquistado uma cidade específica por meio de uma trincheira. Ademais, eles subdividiram as fontes em dois grupos em função de o presságio ser considerado como sendo de Narâm-Sîn ou de Apishal/do apishaliano. Progressivamente, o discurso não parou de se modificar e de inchar. Com a introdução do verbo *dâku*, a dramatização chegou ao seu cume. Assim remanejado, o episódio adquiriu sentido, pertinência e permanência. A sentença divinatória termina por formar uma matriz de sentido à qual eram vinculados enunciados, palavras e atos; as escrituras sucessivas permitiam a reavaliação do evento que se encontrava no interior de cada metamorfose.

A despeito das aparências, Apishal não era tanto um nome próprio, mas um “operador de individualização”, para retomar a expressão de Gottlob Frege.<sup>89</sup> Com efeito, o oráculo era expresso por um segmento de frase incompleto no interior do qual Apishal completava um vazio e lhe dava seu sentido. Visto de outro modo, o topônimo era um índice de localização e podia figurar como uma variável. Era, portanto, possível substituí-lo por outro, como Kish ou Magan, ou por um termo mais banal como “o rei” ou “a cidade”. Entendido assim, o evento tornava-se um fato reproduzível no registro da analogia. Ele tornava-se um *exemplum* atestando uma verdade. Esse estatuto inédito não ia por si mesmo; ele significava uma disjunção com o fato histórico e, assim sendo, implicava uma tomada de distância com a rea-

<sup>88</sup> De CERTEAU, M. L'opération historique. In: Le GOFF, J. e NORA, P. (eds.). *Faire l'histoire*, vol. I. Paris: Gallimard, 1974, p. 31.

<sup>89</sup> FREGE, G. *Écrits logiques et philosophiques*. Paris: Seuil, 1971, p. 102-126.



lidade empírica. Pois a história já era, na Mesopotâmia e segundo a fórmula de Cícero, *magistra vitae*, lição de ética e fornecedora de exemplos, o presente sendo esclarecido pelo passado e vice-versa.

A própria escritura desempenha aqui todo seu papel. A representação espacial induzida por ela abria a possibilidade de uma leitura que escapa à linearidade e permitia as manipulações e as modificações do texto observadas anteriormente. O registro por escrito contribuiu a eternizar o evento, a fazer dele o lugar da emergência de um conjunto de fatos sociais variados, um modo operatório perfeitamente identificado por Claude Lefort: “A característica de uma sociedade histórica é que ela contém o princípio do evento e tem o poder de convertê-lo em momento de uma experiência, de modo que ele constitua um elemento em um debate que os homens realizam entre si”.<sup>90</sup> Mas, como a história faz uma informação passar de uma área do conhecimento a outra, do real à narrativa que dele é feita, a escritura não arriscaria mostrar-se como verdade de um discurso que era apenas fábula? Outros demonstraram que, em outras áreas geográficas, um autêntico projeto historiográfico podia muito bem integrar a lenda e o mito.<sup>91</sup> Hoje, sabemos que a história não é um conhecimento objetivo, que ela é uma construção de saber fundada sobre uma erudição relativa. O documento é o material do historiador; o tempo, esse lugar sobre o qual se engrenam os eventos, é sua matéria prima. Para lhes dar um sentido, o historiador é aquele que constrói uma intriga que, em nenhum caso, se pretende como verdade científica. Porque não há verdade histórica.

Ao longo dos séculos, a tomada de Apishal tornou-se o protótipo das imagens de Epinal engendradas pelas sociedades babilônica e assíria e os adivinhos não cessaram de repercutir sua memória. Narâm-Sîn foi uma autoridade contestada que se tornou incontestável. Para tanto, foi necessário o trabalho de legitimação que coube aos historiadores realizar, em primeiro lugar os autores da crônica da monarquia una.<sup>92</sup> Mais tarde, os adivinhos continuaram a tarefa. Eles escolheram um evento – justamente a tomada da

<sup>90</sup> *Les formes de l'histoire*. Paris: Gallimard, 1978, p. 62.

<sup>91</sup> GIBERT, P. *Une théorie de la légende, Hermann Gunkel et les légendes de la Bible*. Paris: Flammarion, 1979, p. 83-89.

<sup>92</sup> GLASSNER, J.-J. *Mesopotamian chronicles*. WAW 19. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2004, passim; Idem. Entre le discours politique et la science divinatoire, le récit historiographique; Idem. Les régimes de succession dans les monarchies mésopotamiennes. In: BONTE, P. PORQUERES I GENÉ, E. e WILGAUX, J. (eds.). *L'argument de la filiation. Aux fondements des sociétés Européennes et méditerranéennes*. Paris: Éditions MSH, 2011, p. 139-154.

cidade de Apishal, que a tradição lhes atribuía – para meditar, para além do feito como tal, sobre a grandeza e a miséria do poder régio. Sendo as fontes inexistentes, nada assegura que o episódio ocorreu e menos ainda a consulta tal qual ela nos é contada, sob suas diversas versões.<sup>95</sup> De modo semelhante, a derrota de Ishme-Dagân em Kish é documentada somente pelo modelo de fígado de Mari que relata o fato. Em última análise, se parece perfeitamente admissível que o cerco de Apishal tenha acontecido, parece certo que Narâm-Sîn não tenha recorrido a uma trincheira.

Recebido: 23/11/2012 – Aprovado: 20/02/2014

---

<sup>95</sup> COOPER, J. *Death in Mesopotamia*; com razão, o autor descarta prontamente a hipótese de que as diversas variantes poderiam dar conta de várias consultas.